

Ana Isabel Queiroz  
Daniel Alves

# Lisboa, Lugares da Literatura

História e Geografia na Narrativa de Ficção  
do Século XIX à Actualidade

 apenas

*Ana Paula Guimarães* é professora na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa e especialista em Literatura Tradicional; fundadora e directora do IELT.

*Ana Isabel Queiroz* é bióloga, mestre em Etologia e doutorada em Arquitectura Paisagística. Tem experiência profissional na área da Conservação da Natureza e do Ordenamento do Território. Como investigadora, desenvolve trabalho de pesquisa sobre a relação da literatura com o ambiente, e sobre o discurso das ciências na literatura, com diversos artigos científicos e livros publicados. Em 2011, co-coordenou o projecto de literatura e ambiente «Falas da Terra no Século XXI - *What do we see green?*».

*Daniel Alves* é historiador, mestre em História do Século XIX e doutorado em História Económica e Social Contemporânea. É docente na FCSH, Universidade Nova de Lisboa, e investigador do Instituto de História Contemporânea, com um interesse particular pelo estudo de grupos sociais no longo século XIX, da História Urbana e da aplicação da informática à história. Tem artigos publicados em revistas científicas nacionais e estrangeiras, sobretudo em História Económica e Social.

© Apenas Livros Lda.,  
e autores

Al. Linhas de Torres, 97, 3º dto.  
1750-140 Lisboa  
Tel./fax 21 758 22 85  
apenaslivros2@gmail.com

Depósito legal n.º 339248/12  
ISBN: 978-989-618-365-3  
1ª edição de 250 exemplares  
Janeiro de 2012  
Publicação n.º 486  
Revisão de Luís Filipe Coelho

Colecção A MÃO DE RESPIGAR, 44  
Dirigida por: Ana Paula Guimarães  
aanaguimaraes@sapo.pt

Com o apoio de  
Instituto de Estudos de Literatura Tradicional/  
Fundação para a Ciência e Tecnologia.

**[www.apenas-livros.com](http://www.apenas-livros.com)**

HISTÓRIA E GEOGRAFIA NA NARRATIVA DE FICÇÃO  
DO SÉCULO XIX À ACTUALIDADE

Enquadrado pelo projecto «Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental» (<http://paisagensliterarias.ielt.org/>), este estudo pretende contribuir para a valorização do imaginário literário de Lisboa, privilegiando o romance e o conto como géneros literários, e investigando os locais mencionados nestas narrativas ficcionais, desde meados do século XIX até à actualidade. Distingue-se de estudos anteriores, centrados na representação da cidade num único escritor ou numa época específica, e por trabalhar com uma amostra cronologicamente representativa, identificando locais de Lisboa mais frequentemente retratados e comparando as suas representações no contexto literário e histórico. 3

Este trabalho, parte da literatura para uma leitura da história e da geografia de Lisboa, estabelecendo períodos politicamente distintos, que servem de referente cronológico para um conjunto de comparações entre o real e a representação literária:

1. de 1852 a 1910, do desenvolvimento económico da Regeneração aos últimos anos da Monarquia, a cidade assiste a um forte crescimento demográfico e a uma importante renovação urbanística, a que se associam algumas inovações nos meios de transporte; em 1886, o território do concelho de Lisboa expande-se para os limites actuais, incorporando os antigos concelhos de Belém e Olivais, zonas ainda essencialmente rurais;

2. de 1910 a 1926, durante a 1ª República, apesar das dificuldades económicas, da guerra e da pneumónica, persiste um continuado crescimento da cidade, que fervilha agora com a agitação social e política, libertada pela Revolução do 5 de Outubro;

3. de 1926 a 1974, a Ditadura Militar e o Estado Novo, a repressão política, o efeito das guerras (mundial e colonial) e da emigração enquadram historicamente uma cidade que concretiza algumas obras emblemáticas, marcas de Duarte Pacheco; a cidade vive um paradoxal crescimento, com o centro a especializar-se nos serviços e a perder dinâmica demográfica, enquanto a perife-

ria verifica um relevante aumento de construção de novas áreas habitacionais;

4. de 1974 à actualidade, depois da Revolução do 25 de Abril, restaurada a liberdade e a democracia, Lisboa vê reforçadas algumas das tendências de terciarização e esvaziamento residencial do centro histórico e das áreas que se tinham expandido entre finais de Oitocentos e primeiras décadas de Novecentos; neste período, urbanizam-se algumas áreas na periferia do concelho, dentro e fora dos seus limites administrativos.

#### 4 Diálogo entre disciplinas

Tomando Lisboa como objecto de reflexão, convoca-se o olissipógrafo José Sarmento Matos para sustentar o enquadramento desta investigação: «a História, quando se esquece a Geografia, resvala sem remédio para o terreno resvaladiço da abstracção» (Matos 2008, 26). Procura-se, também, fundamento no geocriticismo, termo cunhado por Bertrand Westphal para designar um método interdisciplinar de análise literária, baseado em três conceitos teóricos: espaço-temporalidade, transgressividade e referencialidade (Westphal 2007). Tem afinidades intelectuais e metodológicas com o campo do ecocriticismo, da crítica regionalista, dos estudos sobre o urbano, de uma abordagem sociológica e filosófica da literatura e dos estudos acerca da utopia.

Alguns dos estudos geocríticos pioneiros foram realizados no âmbito da designada história literária («literary history», e.g. Moretti 2005). Suportados pela análise do conteúdo geográfico do texto e reavivados pela crescente utilização de sistemas de informação geográfica (SIG), são ainda de salientar as investigações desenvolvidas pelas designadas cartografia literária («literary cartography», e.g. Tally Jr. 2008) e geografia literária («literary geography», e.g. Piatti *et al.* 2009), e o mais recente mapeamento de representações artísticas do espaço e do lugar («literary GIS», e.g. Cooper e Gregory 2011).

Maria Alzira Seixo afirmou ser o romantismo, estilo literário que enquadra as narrativas datadas de meados do século XIX, a trazer para o romance nacional a implicação da história, na «emergência

da descrição com uma função dupla: cenográfica (desenhadora do espaço) e diegética (confirmadora de um tempo que é acção, história, intriga)» (Seixo 1989, 268). Esta investigadora referiu-se também às perspectivas de trabalho geradas através das relações entre a literatura e a história, e considerou existirem quatro grandes domínios de intersecção (Seixo 2004, 231-2), consubstanciados através:

- da história literária, isto é, da captação do sentido evolutivo dos modos de escrever, ler, ensinar e difundir a literatura;

- da interdisciplinaridade, entendendo os estudos literários como intersecção das ciências da linguagem e dos estudos de estética com as ciências históricas;

- do estudo da história, como memória de um passado humano colectivo, que é passível de ser reconstituído através de várias formulações verbais (ficcional, memorialista, científica, etc.), podendo desse modo ser encarada nos estudos literários enquanto tema, assunto ou motivo de textualização;

- da acepção da história como movimento accional de um texto, remetendo para situações idênticas, porque se reportam a um mundo «real» (circunstancial), ou imaginário ou da memória, que envolve uma reescrita.

É no contexto destas duas últimas perspectivas que se desenvolve o estudo dos lugares de Lisboa: tomando o lugar da história como a representação de um espaço-tempo; recorrendo ao quadro metodológico da história e da geografia, que têm usado a literatura com uma das suas fontes.

Mesmo quando se trata de uma ficção, há muito que os historiadores consideram a literatura como uma fonte válida. Mas alguns recomendam que a utilização da literatura deve passar por uma leitura crítica do seu discurso, do seu propósito e do modo como esta procura interagir com o leitor, sendo ainda necessário avaliar o modo como a literatura é ou foi recebida no momento da sua publicação, pois isso permite perceber a sua maior ou menor ligação com a realidade histórica envolvente (Sharp 1996, 121-123). Recentemente, Francisco Fuster Garcia trabalhou acerca das potencialidades do romance para o estudo da história, enfrentando a questão da objectividade/subjectividade do texto, por ser aquela que fundamenta o preconceito contra o seu valor enquanto fonte. Este escreve:

No creo que el historiador deba tomar una novela como un documento útil para su trabajo, bajo la premisa de cotejar y verificar anteriormente su objetividad. Si elegimos precisamente una novela es porque pensamos que en ella hallaremos materiales y elementos que, aun a riesgo de ser menos objetivos, nos darán esa visión de la otra cara de la moneda que no nos ofrecen las otras fuentes (Fuster García 2011, 60).

Quais são, então, as mais-valias do texto narrativo ficcional? Citando Dominick LaCapra (1992), o historiador espanhol, continua:

6

[L]a literatura se torna redundante cuando se esfuerza por parecernos objetiva, en una estéril operación que trata de imitar o confirmar lo que ya encontramos en otro tipo de fuentes. Lo sugestivo de la literatura es precisamente, dice el historiador estadounidense, su capacidad para transmitirnos el «sentimiento» sobre la vida en el pasado (Fuster García 2011, 61).

E, acerca do mesmo assunto, citando ainda Juan Avilés (1996):

[L]o que la novela proporciona son pistas acerca de las condiciones de vida, las costumbres, los sentimientos y las ideas de una sociedad, pistas que han de ser comprobadas mediante fuentes de otro tipo, pero que quizá no habría sido fácil encontrar en primer lugar en esas otras fuentes. Y sobre todo pistas acerca de los sentimientos que compartían el autor y sus lectores (Fuster García 2011, 62).

Os geógrafos, por seu lado, procuram fontes diversas para o conhecimento da paisagem, entre as quais a sua representação na literatura. Em *Geografia de Portugal*, Amorim Girão usou as descrições de Nuno de Montemor (1881-1964), apelidando-o de «o melhor intérprete literário da paisagem profundamente espiritualista da Beira Transmontana» (Girão 1941, 402). Outros geógrafos portugueses também mostraram como a partir da literatura se reconstrói a geografia dos lugares, dos grupos sociais, dos percursos, dos modos de ocupação do espaço (Cravidão 1992; Cravidão e Marques 2000). Cancela de Abreu *et al.* usaram também alguns trechos literários acerca da paisagem, designadamente o *incipit* do romance *Mário* (1868) de Silva Gaio (1830-1870), para postular os contrastes morfológicos e a distinta humanização da Beira Alta (Abreu 2004). Tam-

bém o estudo da evolução da paisagem das serras da Lapa e da Nave (Beira Alta, Portugal), ao longo do século XX, tomou as obras de Aquilino Ribeiro como suporte para a comparação com outros registos documentais e cartográficos (Queiroz 2006).

As boas descrições geográficas – escreveu Pierce Lewis, então presidente da Sociedade Americana de Geografia – devem desencadear emoção (direcção estética), raciocínio e reflexão (direcção intelectual) (Lewis 1985). O estudo do espaço e do lugar na literatura interessa aos geógrafos, por conjugar uma dimensão objectiva, que inegavelmente pode ser usada como fonte de informação da paisagem urbana, e uma dimensão subjectiva, onde os valores e as escolhas do escritor reflectem o pensamento de uma época: «their creative imaginations often serve as powerful expositions of peoples, settings and events. And they write with the greatest authority and insight about the worlds with which they are most familiar» (Osborne 1996, 29). À semelhança das condições estabelecidas pelos historiadores, também os geógrafos recomendam que se avalie previamente se: (1) o escritor tem, ou teve, experiência própria das vivências e paisagens que recriou na sua obra literária; (2) os leitores e os críticos da época da publicação confirmaram a sua relação com a paisagem; (3) outros autores do mesmo período descreveram a região de maneira similar (Salter e Lloyd 1977).

7

Esta ligação entre a literatura e a geografia tem tido um paralelo na revalorização do espaço no seio dos historiadores. O espaço histórico abandonou o seu papel de mero cenário onde os acontecimentos decorrem, para se tornar num elemento integrante das relações sociais, que condiciona e é condicionado pela acção humana, nas suas diversas dimensões, sujeito também a uma apropriação cultural, criadora de novos sentidos (Knowles 2000; Withers 2009; Baker e Billinge 2004).

### Lugares da literatura

Com o pressuposto de terem Lisboa como palco principal (ainda que não exclusivo), a selecção de obras para este estudo foi orientada pelo catálogo da exposição *Lisboa na Ficção Portuguesa Contemporânea, Séc. XIX e XX*, preparado por Lúcia Mucznik, sobretudo para aquelas cuja data da primeira edição é anterior à desta publicação (Mucznik 1995).

Na Tabela 1, apresenta-se o *corpus* literário analisado: romances e colecções de contos dos últimos 160 anos, conformados por épocas que a história literária enquadra no romantismo, no naturalismo, no realismo, no neo-realismo e no pós-modernismo. Note-se que a sua organização temporal (grupo cronológico correspondente ao período político em que se inserem) é ditada pelo contexto predominante da narrativa, mais do que pela data, frequentemente desfasada, na sua 1ª edição. Os romances de José Rodrigues Miguéis, *A Escola do Paraíso*, e os dois volumes de *O Milagre segundo Salomé* são exemplos de obras que, por opção, tiveram de ser colocadas num determinado período, correspondente ao momento da história que pareceu ser mais representativo no contexto do alargado âmbito temporal a que se referem. De referir, ainda, que se procurou adequar o número de obras de cada período à extensão cronológica do mesmo.

Tabela 1 – Obras literárias estudadas, com indicação do período a que se referem

Autor	Título	1ª edição
<b>Período 1 – Monarquia Constitucional</b>		
Abel Botelho	<i>O Livro de Alda</i>	1898
Alfredo Gallis	<i>Tuberculose Social (A Taberna)</i>	1901
Camilo Castelo Branco	<i>A Queda dum Anjo</i>	1866
Camilo Castelo Branco	<i>Coisas Espantosas</i>	1862
Camilo Castelo Branco	<i>Mistérios de Lisboa</i>	1854
Carlos Malheiro Dias	<i>Filho das Heroas</i>	1900
Eça de Queirós	<i>A Capital!</i>	1929
Eça de Queirós	<i>Alves &amp; Cª</i>	1925
Eça de Queirós	<i>Os Maias</i>	1888
Fialho de Almeida	<i>A Cidade do Vício</i>	1882
Gervásio Lobato	<i>Lisboa em camisa</i>	1890
José Rodrigues Miguéis	<i>A Escola do Paraíso</i>	1960
<b>Período 2 – Primeira República</b>		
Aquilino Ribeiro	<i>O Arcanjo Negro</i>	1947
Armando Ferreira	<i>Lisboa sem Camisa. I - O Casamento da Fifi Antunes</i>	1934
João Ameal	<i>As Criminosas do Chiado</i>	1925
José Rodrigues Miguéis	<i>O Milagre segundo Salomé</i>	1975
Mário de Almeida	<i>A Cidade-Formiga</i>	1818

Autor	Título	1ª edição
-------	--------	-----------

**Período 3 - Estado Novo**

Armando Batista-Bastos	<i>Cão Velho entre Flores</i>	1974
Augusto Abelaira	<i>Enseada Amena</i>	1965
Fernando Namora	<i>O Rio Triste</i>	1982
Irene Lisboa	<i>Começa Uma Vida</i>	1933
José Cardoso Pires	<i>Alexandra Alpha</i>	1987
Leão Penedo	<i>A Raiz e o Vento</i>	1953
Luís de Sttau-Monteiro	<i>Angústia para o jantar</i>	1961
Maria Archer	<i>Ela É apenas Mulher</i>	1944
Norberto de Araújo	<i>Fado da Mouraria</i>	1931
Nuno Bragança	<i>A Noite e o Riso</i>	1970

**Período 4 - Democracia**

António Lobo Antunes	<i>As Naus</i>	1988
Lídia Jorge	<i>Notícia da Cidade Silvestre</i>	1984
Manuel Halpern	<i>Fora de Mim</i>	2008
Mário de Carvalho	<i>Era Bom que Trocássemos Umhas Ideias sobre o Assunto</i>	1995
Mário Zambujal	<i>Crónica dos Bons Malandros</i>	1980
Orlando Neves	<i>Morte em Campo de Ourique</i>	1987
Rui Cardoso Martins	<i>Deixem Passar o Homem Invisível</i>	2009
Rui Zink	<i>Hotel Lusitano</i>	1986

Os autores destas 35 obras literárias tiveram (ou têm) relações diversas com a cidade de Lisboa: a cidade foi o seu berço, o local onde residiram e trabalharam, temporariamente ou durante toda a vida. Foram espectadores de Lisboa durante a sua carreira literária, e as suas vivências tiveram uma influência indelével no seu imaginário.

Procurando assegurar a experiência própria da paisagem de Lisboa no tempo retratado, não se incluíram contos ou romances históricos, pois, independentemente da fidelidade e rigor das perspectivas apresentadas, são susceptíveis de levantar obstáculos no quadro das condições metodológicas acima descritas.

A partir da leitura atenta das obras literárias e da sua confrontação com fontes documentais e cartográficas, procedeu-se à identificação sistemática de topónimos (*e.g.* ruas, praças, jardins,) ou de outros locais georreferenciáveis (*e.g.* casas de espectáculo, estabelecimentos comerciais, organismos públicos), tal como mencionados no texto, relativos ao actual concelho de Lisboa. Estes locais foram representados cartograficamente, através de um sistema de informação geográfica.

11

No processo de identificação dos locais, além de uma base de dados de toponímia de Lisboa, produzida pela Câmara Municipal, foram usados roteiros e guias de ruas publicados durante a segunda metade do século XIX, bem como cartografia histórica dessa mesma época e da primeira metade do século XX (Alves 2005). Ainda assim, embora em número muito diminuto, não foi possível relacionar alguns locais mencionados com nenhum topónimo real, por serem topónimos antigos não registados ou designações ficcionais.

Não se incluíram as menções ao rio Tejo, embora frequentes, por não serem passíveis de tratar como um ponto. No entanto, a análise do Tejo, enquanto local da literatura, poderá ser objecto de uma análise posterior.

Independentemente de outras possibilidades de exploração dos resultados obtidos, de acordo com os objectivos enunciados, este texto concentrar-se-á na exploração interpretativa do potencial das descrições para o conhecimento da história e da geografia, centrando-se nos 3 locais mais frequentemente mencionados – Rossio, Avenida da Liberdade e Chiado – e em outros que lhes são coincidentes, embora apareçam referidos e tenham sido registados de outro modo, em virtude da amplitude cronológica do *corpus* estudado (por exemplo, Passeio Público e Avenida da Liberdade), ou lhes estão espacialmente

associados (por exemplo, o Café Gelo e o Teatro Nacional com o Rossio; ou Praça Luís de Camões com o Chiado)

12

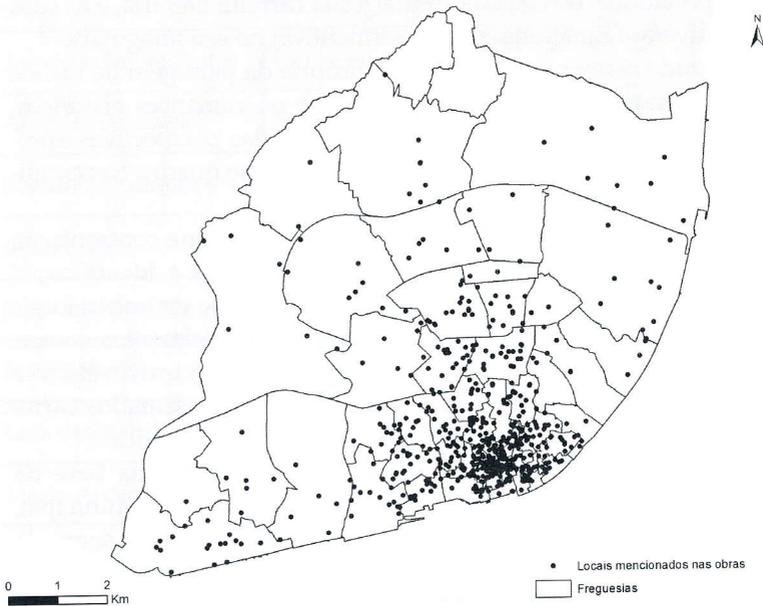
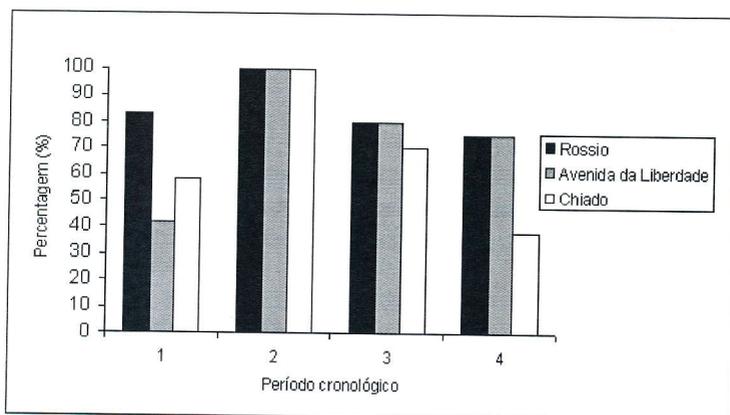


Figura 1 - Locais do concelho de Lisboa mencionados nas 35 obras analisadas.

Na Figura 1 apresenta-se a cartografia de todos os diferentes locais mencionados, num total de 610, tendo como base o mapa actual das freguesias que constituem o concelho de Lisboa. É nítida a concentração de pontos na zona central da cidade - Santa Justa, São Nicolau, Sacramento, Encarnação, São Paulo e Santa Catarina são as freguesias com maior densidade -, por contraste com o que se verifica na periferia.

Estes locais surgem também muito diferentemente representados quando se analisam os resultados por obra literária: só 4,8 % (29 locais) aparecem citados em 10 ou mais; 54,1 % (330) aparecem mencionados em apenas uma.

Os 3 locais mencionados em mais obras da amostra - Rossio (em 29 obras), Avenida da Liberdade (em 24 obras), Chiado (em 22



13

Figura 2 - Percentagem das menções a Rossio, Avenida da Liberdade e Chiado nas obras literárias de cada um dos períodos cronológicos.

obras) - apresentam uma diferente distribuição estatística entre os vários períodos analisados (Figura 2).

Algumas considerações podem ser formuladas a este propósito:

- no período 1, correspondente a parte da Monarquia Constitucional, entre 1852 e 1910, a percentagem mais baixa da Avenida da Liberdade pode reflectir a sua inexistência até 1886; o local aparece mencionado noutras obras da amostra, mas com a designação de Passeio Público; também a frequência com que o Chiado aparece nas obras deste período (58 %) poderá explicar-se pela referência de outros topónimos associados (*e.g.* Praça de Luís de Camões, Rua Garrett) ou nomes de estabelecimentos comerciais (*e.g.* A Brasileira do Chiado, Casa Havaneza, Café Marrare, Livraria Bertrand, Armazéns do Grandella);

- no período 2, correspondente à Primeira República, os 3 locais aparecem mencionados em todas as 5 obras que o constituem, revelando o papel do centro da cidade enquanto foco da actividade política e económica;

- no período 3, correspondente ao Estado Novo, exhibe-se uma distribuição idêntica para os 3 locais, embora rondando os 80 %;

- no período 4, a menção a locais situados fora do centro é mais expressiva; Rossio e Avenida da Liberdade mantêm percentagens relativamente elevadas (75 %); o Chiado só é citado nas obras *Hotel*

*Lusitano*, *Deixem Passar o Homem Invisível* e *Crónica dos Bons Malandros* (38 %); a colina sobranceira à Baixa é cenário menos frequente nestas obras; as citações relativas à Praça de Luís de Camões são também escassas, surgindo apenas em *Notícia da Cidade Silvestre* e *As Naus*; a Brasileira do Chiado e a Casa Havaneza, comuns nas obras da Monarquia e da República, apesar de se manterem na actualidade, não estão presentes no imaginário literário das obras estudadas.

## O Rossio

- 14 A praça que actualmente representa o centro da cidade deve a denominação originária à sua pretérita posição marginal, de lugar vago e amplo, onde se realizavam feiras e mercados e onde o urbano contactava com as hortas e os campos que a partir daí se definiam. O novo estatuto, adquirido em virtude do crescimento urbano dos últimos dois séculos, resulta do projecto de reconstrução que sobreveio ao grande terramoto de 1755 e que lhe imprimiu a sua geometria regular. Na segunda metade do século XIX, rebaptizado como Praça de D. Pedro IV, o local apresentava já a estrutura, os edifícios e os monumentos que hoje lhe são característicos: no topo norte, o Teatro de D. Maria II (desde 1848); ao centro, o empedrado de calçada (desde 1849), a estátua de D. Pedro IV (desde 1870) e os lagos (desde 1889). No início do século XX, o Rossio era um dos locais mais frequentados da cidade, por razões de circulação, comércio e lazer, mas também de conflito social e político, sendo palco frequente de manifestações grevistas.

Nas obras de Eça de Queirós, o Rossio – onde ele próprio residiu – é uma presença constante e um símbolo da cidade moderna e cosmopolita.

Em *Os Maias*, Carlos instala o seu consultório no Rossio, «num primeiro andar de esquina» (78), onde «desejava decerto dar consultas, mesmo gratuitas, como caridade e como prática» (77). A morada, central e cosmopolita, foi escolhida para permitir a visibilidade que o desejo de ostentação requeria. Com a mesma intenção, veio a decoração faustosa do espaço, despropositada para a função, afinal nunca cumprida. Mas, a esta investigação, importa sobretudo a descrição da azáfama da praça, que a desocupada personagem avista da janela do seu gabinete médico:

Do Rossio, o ruído das carroças, os gritos errantes de pregões, o rolar dos americanos, subiam, numa vibração mais clara, por aquele ar fino de Novembro: uma luz macia, escorregando docemente do azul-ferrete, vinha dourar as fachadas enxovalhadas, as copas mesquinhas das árvores do município, a gente vadiando pelos bancos: e essa sussuração lenta de cidade preguiçosa, esse ar aveludado de clima rico, pareciam ir penetrando pouco a pouco naquele abafado gabinete e resvalando pelos veludos pesados, pelo verniz dos móveis, envolver Carlos numa indolência e numa dormência... (81).

Ao Rossio afluía a agitação das multidões em trânsito, às compras ou descansando nos bancos públicos. A alusão às «copas mesquinhas das árvores do município» reflecte os recentes arranjos da praça, que ainda não lhes tinham dado tempo para crescer. Ao contrário, as fachadas dos prédios setecentistas já se mostram «enxovalhadas». A luz, um elemento recorrente das descrições paisagísticas, é «macia» e vem «dourar as fachadas», mas não chega para estimular a personagem nem para elevar o apreço de Eça pela cidade, que apelida de «preguiçosa».

15

Como contraponto, a descrição da praça ao raiar da madrugada, apresentada por Carlos Malheiro Dias, em *Filho das Hervas*, mostra-se mais tranquila, mais misteriosa, ainda que igualmente sombria:

Em frente erguia-se o teatro de D. Maria com a sua varanda sobre arcadas. À esquerda, os cafés alinhavam, silenciosos e fechados; apenas ao fundo, num desvão de sombra, uma lanterna vermelha sangrava como uma grande chaga solitária. A espaços um vulto manchava a nevoaça, deslizando apressado, quasi impalpável, e era triste aquele despertar silencioso da cidade para o trabalho, na manhã glacial de Dezembro. A estação recaíra em silêncio, depois da febre passageira que a animava pela chegada matinal dos comboios correios. Uma carroça do lixo passou aos solavancos, vinda da Avenida. No Carmo soavam lentas as seis horas; apagavam os candeeiros; luzes submergiam no vapor denso e aquoso que entupia o largo. O céu abria uma pálpebra de cego, embaciada e vesga; e agora, subitamente, os rumores propagavam-se (32).

No século XIX, o Rossio era já um lugar de cafés, espaços públicos emblemáticos da sociedade moderna. Fialho de Almeida, apesar de não citar o Martinho do Rossio nos contos de *A Cidade do Vício*, parece ter sido um seu frequentador assíduo. Aí convivía com

outros notáveis republicanos da época, designadamente com João Chagas, Brito Camacho, Gualdino Gomes, Heliodoro Salgado, etc. Artur Curvelo, personagem de *A Capital!*, descobre no Martinho do Rossio «a acumulação dos chapéus altos entre os espelhos dourados, sob uma névoa de fumo de tabaco, no *brouhalha* contínuo das conversas» (107), e aí conhece o Nazareno, membro do republicano Clube Democrático, que fugazmente virá a frequentar.

16 O Café Martinho, tal como o seu vizinho Café Suisso, situavam-se defronte da Estação do Rossio, atrás do Teatro Nacional de D. Maria II, em antigos terrenos do Palácio da Inquisição. Estes foram apenas dois dos célebres estabelecimentos da praça onde se reuniam grupos de intelectuais, artistas e boémios, agrupados por clientelas específicas, que formavam as redes sociais estruturantes da época. Destes, como também do Chave de Ouro, do Gelo e da Brasileira do Rossio, restam algumas fotografias e as memórias dos locais, testemunhadas nas narrativas da época.

Em *O Milagre segundo Salomé* (volume II), José Rodrigues Miguéis coloca *Gabriel* no Café Gelo, discutindo política e religião com o redactor do *Nação Republicana*, a propósito do Milagre (fenómeno aqui ficcionado, mas que evoca as pretensas aparições na Cova de Iria, em 1916 e 1917) e das relações, movidas pelo interesse económico, entre o poder instituído e a Igreja:

- [...] uma senhora católica e republicana! Está furiosa, diz que o bento Milagre se tornou uma arma da reacção e da finança.

- E é mesmo. O abcesso da fixação, para distrair o povinho da política, da carestia, da fome ...

- E da Rússia, meu velho.

- Não me venha com a Rússia. Eu sou pela democracia, mas é claro, com a finança republicana.

- A sua finança republicana explora o Milagre. O dinheiro, meu velho, não tem partido, nem cheiro, nem fé, nem lei... A hóstia e o pataco são ambos redondos (269).

Atrás do Café Gelo, na rua que se chamou «do Príncipe» e que após a República tomou a designação de «1º de Dezembro», situava-se o Leão d' Ouro, um dos restaurantes e cervejarias mais carismáticos da área. É um dos poucos estabelecimentos dessa época ainda em funcionamento.

Em 1885, Columbano Bordalo Pinheiro pinta o conhecido quadro *Grupo do Leão*, que celebra o encontro e a amizade de diversas figuras das letras e das artes (entre eles, o seu irmão Rafael, também Malhoa e Ramalho). Luís de Sttau-Monteiro, 75 anos depois, descreverá a angústia dos jantares entre dois antigos colegas de escola, separados ideológica e socialmente, mas vinculados ao hábito de se encontrarem ali. Nas décadas de 50 e 60 do século XX, o Leão d' Ouro era um restaurante decente, pouco dispendioso, frequentado por uma classe média de funcionários remediados, retratado no diálogo tenso de *António e Gonçalo*:

- Eras capaz de me convidar para jantar num restaurante onde sou- 17  
besses que irias encontrar amigos teus? [...]
- Posso encontrar amigos meus neste restaurante...
- Não mintas. Sabes tão bem como eu que os tipos da tua classe não  
vêm ao Leão d'Ouro.
- Porquê?
- Pela mesma razão por que não compram gravatas iguais à minha (16).

Como centro do burgo, o Rossio tornou-se um lugar de grande circulação de pessoas e veículos. No início do século XX, são inauguradas as primeiras linhas de transportes electrificados. Mário de Almeida, no conto «Adeus!», narra a experiência do *Sr. Moraes*, passageiro de eléctrico no Rossio:

Pelas duas horas desse domingo famoso, já um pouco atordoado pelo vai e vem dos carros no Rocio, com a sua gravata de nó feito, em seda azul com pintinhas vermelhas, o seu chapéu de palha, que guardara do ano antecedente, o sr. Moraes trepou, entrou, sentou-se junto de uma janela.

O eléctrico foi tomado de assalto; um homem de barbas pretas sentou-se-lhe numa coxa e desdobrou um jornal com um arrotto formidável. Uma criança chorou, na plataforma entalada entre dois brutamontes. A um apito o carro despegou, rolou, parando a cada instante para receber passageiros; e descendo, agora, mais rapidamente a Rua Augusta, deslocava um ventinho agradável que refrescava o sr. Moraes e o fazia pensar vagamente na escuridão abafada do seu quarto das escadinhas de S. Cristóvão (92-3).

Em 1925, a Câmara Municipal de Lisboa alargou as artérias circundantes e as plataformas de acesso aos eléctricos, mandou levantar na quase-totalidade a calçada de empedrado ondulado branco e negro, colocada em 1849 pelos presos calceteiros da cadeia do castelo de São Jorge, e que era um símbolo da cidade.

Nas décadas de 30 e 40 do século XX, o Rossio manteve ainda o seu papel de entreposto viário, recebendo, pela manhã, a população trabalhadora que chegava dos arredores à estação ferroviária, que se distribuía a pé ou de eléctrico, e que, ao final do dia, regressava para o trajecto inverso. Em *A Raiz e o Vento*, Leão Penedo descreve-o assim:

- 18 A cidade animava-se. Um carro eléctrico passou zunindo como o «trolley» a faiscar. Homens e mulheres encaminhavam-se para os seus empregos. No Rossio, onde desembocara, havia um tumultuar de gente saindo da estação. Gente estranha, diferente, que só se via àquela hora ou ao lusco-fusco da tardinha; gente de fábricas e de oficinas que se levantara ainda de noite para moirejar o santo dia (78).

Em *Cão Velho entre Flores*, Batista-Bastos recorda os eléctricos no Rossio, revivendo a experiência da sua personagem autobiográfica:

Já não há carros eléctricos na zona norte da Baixa. Já não há a casinha do expedidor, com telefone de manivela, nem a velha que vendia castanhas em frente do Teatro Nacional. Já não há nada disso. Mas nessa época havia isso tudo e anoitecia. A minha avó metera-me num carro eléctrico, na calçada, e dissera ao condutor:

«Quando chegarem ao Rossio avise este miúdo. Está lá o pai dele à espera. Diga a este miúdo que chegaram ao Rossio e ele já sabe o que deve fazer».

Já sabia: o meu pai aguardava-me, havíamos de conversar e eu teria de decidir sobre as propostas dele (79).

Ao Rossio afluíam também, desde medos do século XIX, os espectadores do Teatro Nacional de D. Maria II, inaugurado em 1846. Dessas saídas, que constituíam momentos de lazer com grande visibilidade social, há profusas referências nas narrativas de ficção do século XIX e do início do século XX. Em *Alves & C<sup>a</sup>*, Eça de Queirós narra um diálogo em que se revela interesse e conhecimento dos intervenientes pelo conteúdo e desempenho dos actores:

- O Sr. Machado estava ontem em D. Maria - murmurou o guarda-livros, sem cessar de escrever.

Alves largou a carta que lia, interessado, com o olhar mais vivo:

- Que ia ontem?

- O Trapeiro de Paris...

- Que tal?

O guarda-livros ergueu os olhos da carta para responder:

- Eu gostei muito do Teodorico [...] (86).

Na viragem do século, em *A Escola do Paraíso*, José Rodrigues Miguéis recoloca a importância das idas ao Teatro Nacional. A destacada família do Sr. Serrano, primeiro pela loucura de D.<sup>a</sup> Leonor e depois pela doença da *Leninha*, corta com as suas rotinas habituais: 19

Raras vezes iam agora ao teatro, às *soirées* onde ela dantes brilhava como uma lua de ouro. Voltava sempre dos dramas do Dona Maria - *A Cruz de Madalena*, *O Alfaceme*, *O Marquês de Villemer*, *A Vida de um rapaz pobre*, *O Duque de Viseu*, *O Cardeal Richelieu*, o *Rogério de Larocque*, e assim - muito pálida, com dores de cabeça e desmaios (289).

Numa das passagens mais hilariantes da primeira novela da série *Lisboa sem Camisa*, de Armando Ferreira, chamada *O Casamento de Fifi Antunes*, narra-se uma ida ao Teatro de D. Maria II. Enquanto espera um transporte no Largo do Intendente, a família Antunes e seus vizinhos, pessoas simples e pouco letradas, conversam acerca de dramaturgos e de textos conhecidos, numa clara demonstração da presença cultural do teatro durante o período da 1<sup>a</sup> República:

[...] Moisés, de binóculo a tiracolo, a conversar com o Timóteo, dono de uma camisaria da Rua da Palma, e no coice do cortejo a Ludovina a fazer recomendações à Gertrudes.

- Meu pai foi um grande amador dramático - dizia Moisés. - Eu nunca o vi, já não sou desse tempo, mas ouvi contar a minha mãe que chegaram a levar grandes dramas dentro de casa... O que hoje vamos ver É bom, É histórico...

- Eu gosto, sim senhor, de coisas para rir. Que para tristezas bem basta a vida -dizia o Timóteo— ou então coisas de História...

- Ó Fifi, não é desta peça aquele bocadinho: «Ele há tanta mulher! mas por que fantasia só uma a gente escolhe e quer?»

- É sim, papá.
- É do Júlio Dantas, pois não é?
- Não... que disparate! É de Marcelino Mesquita.
- É isso, é; é do Mesquita.
- Não conheço, não o conheço - dizia o Timóteo.
- Pois vai gostar... É muito bonito... Eu vi isto há muitos anos... Mete o rei D. Fernando a dizer à Leonor: «No teu olhar tão lânguido e tão doce, havia o que quer que fosse...» É muito bonito, muito bonito. E instrutivo... (79).

20 Nos anos de 70 do século passado, com a abertura de outros pólos de comércio, com os cafés fechados (resistiu o Nicola), com o Teatro Nacional enfrentando a concorrência de outras salas e companhias consideradas menos clássicas (ou conservadoras), e liberto das paragens de eléctricos, transferidas para a Praça da Figueira e o Martim Moniz, a praça acolhe os retornados das ex-colónias, e torna-se local de encontro para pessoas deslocadas que buscam relações sociais perdidas nos territórios africanos, e informações sobre aqueles e aquilo que lá deixaram. A este Rossio, José Cardoso Pires faz referência em *Alexandra Alpha*:

No Rossio deparou com grupos e grupos de retornados das ex-colónias, a girarem à volta da praça; pareciam lobos acossados. Ao centro, aos pés da estátua, muitos jovens a gozar o sol de inverno, cantando, beijando-se, fumando haxe (379).

Também António Lobo Antunes coloca o *Diogo Cão* (de *As Naus*), transtornado com a descolonização e desadaptado a uma Lisboa desconhecida, a errar pelo Rossio: «era uma dor de alma a gente encontrá-lo a dormir bêbedo nos bancos do Rossio ou a discursar para os pardais espocado no passeio» (150).

Nas descrições literárias contemporâneas, a praça parece ter perdido a relevância comercial e cultural do antigamente. Nos anos de 80 do passado século, Rui Zink descreve-a assim em *Hotel Lusitano*:

O Rossio surpreendia pelo grande número de gente estacionada com, segundo Larry, aspecto suspeito: donas de casa, candongueiros, *dealers*, engraxadores de sapatos, vendedores de lotaria e outros sorteios, polícias (mais que as mães, em Lisboa), bancas de partidos, floristas, carteiristas e demais desocupados. De certo modo, uma

versão outra da *siesta* mexicana, só que ali dormia-se de pé e sem sombreros (42).

De metropolitano, em *Fora de Mim* de Manuel Halpern, Paulo passa no Rossio, em direcção ao Martim Moniz. A praça é um mero ponto de passagem, parte do «colorido multiétnico», onde os guineenses «lançam os búzios a quem quer saber o futuro» (28-29).

### A Avenida da Liberdade

A Avenida da Liberdade, ou apenas a Avenida, como basta para que se identifique esta grande artéria da cidade de Lisboa, deve a sua abertura a Frederico Ressano Garcia, engenheiro e político, a quem ficou ligada a expansão urbanística realizada no final do século XIX e início do século XX. O conceito de *boulevard*, que este importou das suas experiências académicas em Paris, aplicou-o na construção desta ligação entre a «cidade antiga», protagonizada pelo pombalismo e pós-pombalismo, e as novas áreas de expansão, a norte. A Avenida, que no latim *adenuta* significa «por onde se chega a um lugar», ligará o centro à cidade nova e substituirá os acessos anteriores. 21

A Avenida é um espaço que se define em linha recta entre a Praça dos Restauradores e a Praça do Marquês de Pombal (ou «Rotunda», designação anterior prolongada na memória das gentes pelo, até há poucos anos, nome da sua estação de metropolitano). Acima, desenha-se o Parque Eduardo VII. De um prédio alto, José Cardoso Pires, em *Alexandra Alpha*, descreve a panorâmica:

Do outro lado da fachada de vidro do gabinete tinha a cidade em colinas até ao Tejo e, mesmo a seus pés, o Parque Eduardo VII. O Parque em cenário aberto: ao fundo, a estátua do Marquês com o leão de bronze pela trela (duas figuras de circo, diria com toda a certeza a Mana Maria se ali estivesse) e mais para diante desfilava a Avenida, cinemas, comércio, andaimes de anúncios luminosos encavalitados em telhados fim-de-século (61).

A inauguração da Avenida da Liberdade, em 1886, culminou um processo polémico a que esteve ligada a destruição de um dos símbolos da cidade de Oitocentos: o Passeio Público.

O Passeio Público, desenhado pelo arquitecto Reynaldo Manuel após o terramoto de 1755, emanava de um conceito de cidade fortemente influenciado pelo iluminismo, que ditava o ordenamento do espaço público, a formosura e o saneamento da cidade. Inaugurado no reinado de D. Maria I, sob a influência do intendente Pina Manique, o que pretendia ser um lugar de usufruto e lazer para os habitantes da cidade foi murado, e o acesso vedado a todos os que não envergassem vestes ricas e cuidadas. Um jardim destinado à alta sociedade foi ornamentado com estátuas, lagos e cascatas. Mas em 1821, o rei D. João VI democratizou o acesso ao recinto, mandou retirar os muros e colocar um gradeamento. É ao Passeio Público que *Justino Antunes* leva a família a ouvir a «charanga de lanceiros»; escreve com ironia Gervásio Lobato, em *Lisboa em camisa*, «não havia nada mais bonito que uma charanga» (13).

Até à construção do Passeio Público, este era um território rural. Por aí se situariam as Hortas da Cera, mencionadas em *A Cidade-Formiga*:

[...] aquele canto da Avenida onde já nada encontravam da velha Horta da Cera, tinha para eles as inefáveis tristezas dos sítios onde se envelheceu lado a lado. Havia quarenta anos que sob as velhas tílias do Passeio Público, numa noite de fogo preso, tinham tido um sorriso e no enleio dum longo silêncio sentiram bater apressadamente os corações, no momento solene e delicioso em que, ao longe, viajavam pelo ar os motivos ingénuos duma antiga valsa de Strauss («A velha canção d'outrora» 180).

As mesmas etapas da evolução do espaço da Avenida foram registadas por Augusto Abelaira em *Enseada Amena*, surgindo como excursão no namoro entre *Ana Isa* e *Osório* (que se diz «ulissipó-grafo», 181), numa trajectória cronológica que percorre cerca de 200 anos (de meados do século XVIII até 1960):

Não vês aquelas hortas? - Mostra os Restauradores, onde em torno do obelisco, que se adelgaça muito branco, sobrepondo-se a um anúncio da Shell, os automóveis giram minúsculos e rápidos, escondendo e descobrindo o capacete claro do sinaleiro.

E a parede cor-de-rosa do Éden com dois cartazes imensos.

[...] [C]omeçaram a ajardinar as hortas, ergueram um muro e revestiram-no de hera. Depois, fizeram um lago com estátuas em volta [...]

- Era o Passeio Público com os seus portões a proibir a entrada do povo miúdo. Mas depois substituíram os muros de pedra por grades, e o povinho já podia espreitar para dentro e ver o espectáculo. Metida entre grades, defendida pelos portões de ferro e pelos bilhetes de ingresso..., a boa sociedade lisboeta reunia-se aos domingos com a consciência descansada e o futuro no bolso. Conversava-se, ouvia-se a banda, os apaixonados passeavam de um lado para o outro sob o olhar das mamãs (28-29).

Ainda na primeira década do século XX, em *Começa Uma Vida*, Irene Lisboa descreve a Rotunda, por oposição às ruas pombalinas, como o limite da urbe:

23

Ora, isto de Rotunda, Pampulha e Estrela, para aqueles que viviam confinados na Baixa, eram limites da cidade, confusões da sua periferia. O verdadeiro coração de Lisboa pulsava ainda na Rua do Ouro e nas suas paralelas. É verdade que o coração de um organismo acanhado e de poucas extravagâncias. Um organismo como se podia chamar àquele da minha família: sem grandezas e quase sem ar, abafado. A própria água do Tejo e os seus barcos deixavam de existir para mim, quando voltava aos internatos de onde os via (37).

A Avenida transformar-se-á num importante eixo de circulação rodoviária, com dois sentidos, substituindo definitivamente a acanhada via, ainda hoje funcional, que segue através da Rua de Santa Marta, Rua das Pretas, Portas de Santo Antão, e Largo de São Domingos, até ao Rossio. Curiosamente, é na literatura do século XXI que este trajecto antigo é mencionado, não à superfície mas na cidade subterrânea de Rui Cardoso Martins, desenhado pelo boqueirão, que o *João* e o *António*, de *Deixem Passar o Homem Invisível*, percorrem desde São Sebastião da Pedreira até ao Cais das Colunas:

[...] como é que já aqui estamos, Rua da Fé, mas como?, quer dizer que passámos pela Rotunda do Marquês, pareceu-me ouvir o metro, senti as vibrações, até me assustei não fosse terramoto, mas de qualquer modo, é quilómetro, quilómetro e meio desde lá de cima, e em quanto tempo [...] passámos ao Hospital de Santa Marta, estamos ao lado da estação de metro da Avenida, isto é, já andámos duas estações de metro desde que caímos e [...] (170) [...] o chão treme. O metro. Passa aqui ao lado, era apaixoná-lo para o Rossio e pedir cravos vermelhos às senhoras [...] (171).

No século XX, mercê das suas dimensões extraordinárias, a Avenida transformava-se num lugar de desfiles e manifestações. Para lá do trânsito automóvel, então escassíssimo, as faixas permitiam juntar uma multidão a pé, em ocasiões festivas, efemérides ou protestos.

José Rodrigues Miguéis, em *A Escola do Paraíso*, descreve-a assim num dia de Carnaval:

24 Na terça-feira deitam até à Avenida, horas em pé a ver passar as máscaras, os carros enfeitados (alguns são lindos!), os cavaleiros à ribatejana, as batalhas de *confetti*, de flores, até há quem atire condessinhas cheias de confeitos, bonecas, saquinhos com amêndoas ou drageias doces [...] As criadas de servir, tresloucadas, travam combate com soldados, torcem-lhes as bisnagas, ficam encharcadas, riem-se, algumas dão bofetões [...] Ele e a irmã arremessam coisas que nunca acertam, ninguém repara neles, perdidos no tumulto (105).

Semelhante, é a narrativa de João Ameal, em *As Criminosas do Chiado*:

O automóvel subiu a Avenida. Começava a esfriar. De um lado e de outro, um formigueiro de gente desfilava, todas as categorias, todos os destinos, todas as máscaras. Além, um grupo de operários - nódoa de farrapos entre o luxo e a cidade - marchava, a passos largos, no orgulho são da volta do trabalho. De um cinematógrafo, saíam os espectadores de uma vaga *matinée* da moda, concorridíssima pelas mundanas pintadas, pelos rapazes indolentes [...] Numa *limousine* aparatosa, duas mulheres esguias, tipo *strangeiro*, abafadas em peles escuras, desciam ligeiramente no rolar macio de uma aparição civilizada. E, à volta de um quiosque banal, um grupo de crianças escutava o monólogo de um alcoólico, parado no passeio, atirando frases desconexas [...] Todo o filme diverso da cidade marulhava naquela enorme faixa da Avenida (51).

Em *O Milagre segundo Salomé* (volume II), de José Rodrigues Miguéis, na onda grevista que assolou a cidade durante a 1ª República, era pela Avenida que as manifestações reivindicativas se faziam ouvir:

A mole imensa e pardacenta dos grevistas, imóveis sob o sol mordente, escuta os oradores, de longe ininteligíveis. Melhor será deixá-los

em paz. Pelo Parque, aqui e além, ainda há sinais de barricadas, trincheiras e redutos das revoluções que por lá têm passado. Doze mil pares de olhos abrangem do alto a cidade intimidada e feminina, percorrem de relance a Rotunda, a Avenida da Liberdade, o casario da Baixa, os altos, as obras vivas da capital, o Tejo onde balouçam barcos de guerra sonolentos, a Outra Banda, águas e verduras [...] (36)

[...] E nisto, sem uma ordem, apenas com uma hesitação que faz ondular por instantes as primeiras filas, sem cartazes nem bandeiras (enrolaram as do comício), a massa põe-se em marcha aos vinte ou trinta de fundo, braço a braço, abrangendo de lés a lés a faixa central, onde não passa um carro nem se aventura um peão. A Avenida agora é deles. É a maior parada, sem armas, a que a cidade ainda assistiu. Diante da maré cor de ganga e ferrugem, que rola em silêncio, cada vez mais firme e mais disciplinada, o pavimento brilha, deserto e limpo. O rumor das botas ecoa entre as árvores ainda tenras, nas fachadas cerradas e pálidas, sob o sol glorioso das três horas: a tardinha lisboeta tetanizada de espanto [...] O silêncio daqueles homens confrange, enregela, arrepia a capital. Senhor, para onde irão! Descem a caminho dos Restauradores, do Rossio, talvez dos Ministérios. E depois? Já se viu doze homens derubarem um governo, que farão doze mil! (37).

25

Descrito por Nuno de Bragança, em *A Noite e o Riso*, um desfile de bandas de música acaba numa carga policial, a testemunhar o autoritarismo da época:

Fomos apanhados de surpresa quando um *stampede* humano impressionante desaguou rente ao Avenida Palace e nos começou a submergir.

A Polícia fartara-se de bater às prestações. Agora, resolvera investir por atacado os seus recursos no afinamento. Havia que abrir caminho às Bandas, era trágico de urgente: a primeira delas alcançava já o enfiamento Paladium-Condes. Para que uns acordes desfilassem no asfalto outro musicar se executava à beira dos passeios e com maior rigor. Lembro-me: um Comandante aos gritos: «Limpem-me essa canalha!» (131-2).

Mas a Avenida, e a sua envolvente, foi durante décadas um lugar de lazer e divertimento. Na tradição do Passeio Público, grupos de pessoas usufruíram dos passeios largos, da arborização e do mobiliário urbano decorativo (bancos, candeeiros, estátuas e lagos), numa actividade que se fixou na linguagem corrente como «passear na Avenida».

É num domingo, que descendo a Avenida, a jovem *Esmeralda*, de passeio com a *tia Juliana*, conhece *Gerardo* (em *Ela é Apenas Uma Mulher*, de Maria Archer):

- Elas descem a Avenida pela placa direita. Gerardo apressa o passo, alcança o passeio rente aos prédios, toma um carro descendente, sai na Barata Salgueiro, e para se fazer encontrado com elas, começa a subir a Avenida. A tática é da sua autoria e, já o sabe, dá resultado (98).

26 Noutro tempo e noutro contexto, os amigos de *Notícia da Cidade Silvestre*, de Lídia Jorge, passeiam pela mesma artéria, depois de irem «comer fora»:

Descíamos a Avenida e agora tenho a certeza de que o Outono ia adiantado porque as árvores largavam as folhas à nossa passagem. Nos breves momentos em que a alegria parava o ruído, ouvia-se o tric tric das cartilagens vegetais esfarrapando-se debaixo dos sapatos (211).

Na zona, pontuaram sempre os teatros e, a partir do início do século XX, também os cinemas: nos Restauradores, o Condes e o Éden (substituíram antigas salas de espectáculo com o mesmo nome); na Avenida, o Tivoli (projecto de Raul Lino, inaugurado em 1924) e o S. Jorge (inaugurado em 1950 e merecedor do Prémio Municipal de Arquitectura). Leão Penedo, em *A Raiz e o Vento*, descreve o movimento que os mesmos trazem a esta artéria: «Era a hora de saída dos cinemas. A porta do Tivoli despejava uma onda humana. Duas filas de automóveis estacionavam à beira do passeio» (71).

Em 1922, na vizinhança do Salitre, instalou-se um grande centro de animação e cultura: o Parque Mayer. Ocupando os jardins do palacete com o mesmo nome, este recinto incluía restaurantes, cervejarias, leitarias, salas de dança e patinagem, casas de fado e variedades, pavilhões e barracas de feira, teatros e lojas. Por muitas décadas, aqui se encontraram os amantes da boémia nocturna, alimentada com a afluência aos espectáculos e complementada por actividades que a oportunidade de negócio trouxeram para o local. Em *Rio Triste*, Fernando Namora refere-se brevemente às entradas policiais no Parque Mayer, visando detectar ilícitos e prender potenciais prevaricadores:

Tomara o hábito de atulhar ridiculamente a carteira com todos os possíveis documentos identificadores – até o cartão de sócio do Atlético –, desde uma noite em que, num café do Parque Mayer, a polícia, numa rusga de rotina e pondo-o a monte com chulos e vadios, o levara preso só porque não pudera comprovar ali a identidade (53).

No final do século XX, declinava a importância do Parque Mayer, quer como pólo de espetáculos teatrais quer como local de restauração. Mas é ainda Mário Zambujal quem, convocando *Arnaldo Figurante* e *Rafael Madrangoa*, relembra os combates de boxe, arranjados a troco de dinheiro, entre jovens truculentos (mas bons malandros) do Bairro Alto:

27

Os sonhos morreram naquela noite, não tanto pela derrota, nem sequer pelo KO, mas porque Arnaldo se sentiu desajeitado e torto, como um mau dançarino no meio da sala, o seu par era Rafael da Madrangoa, mas ele deslizava no passo certo, no soco certo, na esquiva perfeita, uma dança cheia de ritmo e violência, as pessoas batiam palmas, Rafael bailando, Arnaldo o bombo da festa, nunca, nunca seria capaz de dançar assim, e não queria ser mais vezes o bombo das festas dos outros.

Abandonou a carreira aos dezoito anos incompletos (55).

Percorrer a Avenida no século XXI, recorda os 150 anos que nas obras analisadas trazem os leitores desde o Passeio Público (ou mesmo desde as hortas). Todavia, na actualidade, esta é também percorrida pela linha azul do Metropolitano. A opção entre seguir nos subterrâneos ou à superfície é agora possível. Ainda que vá descalça, *Patrícia* (*Fora de Mim*, de Manuel Halpern) prefere olhar os «lugares que já foram», e mesmo «outros que ainda não são» (77):

Próxima estação: Rotunda, há correspondência com a linha azul.

Sais do comboio à pressa pelo pavimento de granito. Mais uma paragem e estás na Avenida. Preferes andar. [...]

A escada leva-te à superfície. Dás de caras com a Confeitaria do Marquês. Tens fome. [...] O Tivoli, a Rosa & Teixeira, o edifício do Liber-sil, agora em obras, vai ser transformado num ginásio, o Condes. [...] Chegas às Portas de Santo Antão [...]. O Coliseu anuncia Caetano Velloso, o Politeama a reposição de Amália, de Felipe La Feria (75-7).

## O Chiado

Chiado era um taverneiro quinhentista, proprietário de um estabelecimento situado defronte do Convento do Espírito Santo, depois Palácio Barcelinhos, e Armazéns do Chiado. O nome impôs-se na toponímia, anteriormente associada à Porta de Santa Catarina, em alusão à abertura da muralha fernandina situada nessa colina. Evocando António Ribeiro (dramaturgo e poeta satírico do século XVI que tem a sua estátua no topo da actual Rua Garrett, e tomou a sua alcunha de empréstimo ao lugar onde vivia) e evocando tantos outros escritores consagrados presentes na toponímia e na estatuária (e.g. Luís de Camões, Almeida Garrett, Eça de Queirós e Fernando Pessoa), o território e a literatura têm aqui uma evidente relação.

No século XIX, o Chiado reunia no seu perímetro alargado – que se define entre o Calhariz e as Chagas, parte da Rua do Alecrim, o Carmo e a Trindade; pela encosta abaixo, a ruas do lado de São Francisco até à base da Rua Garrett –, os mais importantes lugares de vivência burguesa: hotéis, restaurantes, pastelarias, comércio de produtos da moda, livrarias e o Teatro de São Carlos.

A urbanização da colina de São Francisco ocorreu nas décadas finais de Setecentos, e levou ao local famílias nobres e comerciantes, que aí ergueram os seus palácios. Entre outros, a história regista o Barão de Quintela, que iniciou a construção da sua residência na Rua do Alecrim, em 1777. Este palácio foi ainda melhorado e ampliado em 1788 e em 1822. O Teatro de São Carlos, que substituiu a destruída Ópera do Tejo, foi mandado construir por Pina Manique, na vigência de D. Maria I.

Depois da vitória do liberalismo, o Chiado era o mais importante local da capital. Para além das residências, estabeleceram-se os clubes aristocráticos e os comércios ligados ao vestuário, à moda (modistas, alfaiates, cabeleireiros, joalheiros) e à decoração. Abriam também as livrarias e os cafés. Em 1848, o Chiado tornou-se a primeira zona iluminada a gás da capital.

As descrições dessa época reportam uma vivência ociosa, ocupada entre vaidades e a frequência dos cafés e restaurantes. *Calisto*, personagem de *A Queda dum Anjo*, de Camilo Castelo Branco, «[n]o Chiado abjurou um chapéu de molas de merino, e comprou outro

de castor, à inglesa. Cumpria-lhe vestir as primeiras luvas de sua vida» (86). Artur Curvelo, personagem de *A Capital!* de Eça de Queirós, também aprecia a zona, observada da janela do seu quarto no Hotel Universal (no mesmo local do actual Centro Comercial do Chiado), ou passeando pelas ruas, em pura *flânerie*:

A sua vida agora tinha grandes doçuras: a melhor era depois de almoço, era encostar-se à janela a fumar o seu charuto: os dias estavam azuis, com um pó dourado de luz: no Chiado os pregões cantavam, trens rodavam, e ele, no indolente entorpecimento da *omelette* e do bife, olhava do alto, com a pupila húmida de bem-estar, a vida em baixo, reinar, mover-se, atirando para o céu luminoso baforadas brancas de charuto caro. Vestia-se depois com cuidado, encharcava-se de água-de-colónia, e, de luvas claras, estava um momento à porta do Hotel, saboreando a entrada, o guarda-portão; ia à casa Havanesa, florir-se com uma camélia, e com a boquilha em riste, fazendo vergar a *badine*, descia o Chiado, errava pela Baixa, dava uma volta no Aterro, numa moleza de vadiagem [...].

Depois vinha estacionar à porta da casa Havanesa, sentia um deleite em estar ali, imóvel, vendo em redor grupos de deputados, janotas, empregados, saturando-se, dilatando-se às emanções intelectuais, sociais, que lhe pareciam sair das conversações, e dos perfis, das atitudes: e era sempre com uma satisfação vaidosa que, ao sentir às seis horas a sineta do jantar, ia descendo para o hotel: já a tarde caía, e aquele crepúsculo de cidade à hora que precede o gás, tinha para ele um tom rico, interessante (140-1).

O mesmo ambiente, descreve Eça de Queirós em *Os Maias*:

O dia (dizia ele) tinha-o todo tomado: andava procurando casa, andava estudando mobílias... Mas era fácil encontrá-lo pelo Chiado e pelo Loreto, a rondar e a farejar - ou então no fundo de tipóias de praça, batendo a meio galope, num espalhafato de aventura. O seu dandismo requintava; arvorara, com o desplante soberbo de um *Brummel*, casaca de botões amarelos sobre colete de cetim branco; e Carlos, entrando uma manhã cedo no *Universal*, deu com ele pálido de cólera, a despropositar com um criado, por causa de uns sapatos mal envernizados (100).

Entre frivolidades, o Chiado aparece também como um lugar de cultura, onde os escritores e os seus leitores se passeiam na vizinhança da Bertrand. Assim o retrata Eça de Queirós, em *Alves e Cª*:

Subiu o Chiado. Um momento parou, a olhar com respeito um grande homem, um grande poeta, um grande historiador, que nesse momento, de velho casaco de lustrina e chapéu de palha, conversava à porta da Bertrand, com o seu enorme lenço de ramagens preparado para se assoar. Godofredo admirava-lhe os romances e o estilo (93).

30 A frequência de cafés e pastelarias é recorrentemente associada às vivências do Chiado. Na segunda metade do século XIX, o Marrare era um dos locais mais emblemáticos. Neste excerto de *Coisas Espantosas*, Camilo Castelo Branco dá informações acerca da sua arquitectura e da clientela e o serviço prestado:

Na tarde do dia imediato em volta de uma mesa no Marrare das sete portas estavam seis homens ainda moços com Manuel Castro.

A mesa estava pejada de licores e já pela terceira vez as garrafas tinham sido restauradas. Era Manuel Castro quem dava as ordens e insultava os criados, pouco lesto no serviço. Era também ele quem emborcava maiores tragos e forçava os convivas e imitarem-no, provando-lhes a sua superioridade em invasar de um fôlego o conteúdo de duas garrafas pelos dois gargalos simultaneamente. Os assistentes que ocupavam as outras mesas olhavam espantados para a capacidade absorvente de Castro, o qual incitado pelo espanto dos espectadores acrisolou o heroísmo até à formal embriaguez (44).

Mas o coração do Chiado situava-se no Largo das Duas Igrejas, na Brasileira e à porta da Havaneza. Foi aí que *Paulo de Figueiroa*, personagem de Camilo Castelo Branco em *A Queda dum Anjo*, um transmontano recém-chegado à capital, assistiu com espanto aos espectáculos com que os pedintes animavam a rua:

Paulo de Figueiroa saiu para a rua, no intento de informar-se da residência de Calisto. Porém, como encontrasse na rua do Alecrim um macaco encavalgado num cão, que trotava a compasso de realejo, deixou-se ficar pasmado no espectáculo; depois, foi subindo até ao largo das Duas Igrejas, e ficou-se ouvir um cego de óculos verdes que pregoava e referia o sucesso negro de um homem que matara seu avô (187).

Foi também aí que Fialho de Almeida descreveu o apogeu do Carnaval na sua *Cidade do Vício*:

Entre a Havaneza e o candelabro do largo, a concorrência ia furiosa e compacta, de janotas e vagabundos, cujo gáudio consistia em fazer parar os trens para lhes lançar imundícias dentro, esguichos de vários líquidos, cartuchos de pós, feijões e más palavras. Quem se indignava sofria apupos, os dichotes do alto estilo, e triplicada dose de porcaria anexa («Mephistopheles e Margarida», 128).

O Chiado que nos chega através da literatura do século XIX prolonga-se ainda pelas primeiras décadas do século XX, com as suas características físicas, a sua geografia humana e a sua psicologia quase inalteradas. A obra de João Ameal, datada de 1925, chama «observatório do Chiado» à rua «[e]m frente à Brasileira». Aí, «passava-se a vida inteira da cidade, política e escândalo, miséria e glória, calúnia e esperança» (*As Criminosas do Chiado*, 9-10).

31

Em 1931, *Fado da Mouraria*, de Norberto Araújo, dá conta da presença de uma «peça viva de um museu de Lisboa, século XIX»:

Ainda vivia o Lagarto. Era um velho batedor, encanecido no trato das cavalgadas e dos fregueses, que todos eram seus amigos. Agora já não havia batidas. Ainda andava ali pelo Camões, pelo Rossio, pelos Restauradores, um ou outro carro desconjuntado, restos de melhor tempo. [...] Era o último descendente dos bolieiros de sege, último abencerragem dos Timpanas e dos Parafusos, peça viva de um museu de Lisboa, século XIX: S. Carlos, Chiado, Marrare; esperas de gado, toiradas, estúrdias nocturnas (234-235).

Em 1944, é ainda no Chiado (também na Baixa e no Rossio) que a jovem *Esmeralda* de *Ela É apenas Mulher*, de Maria Archer, julga encontrar um «colossal viveiro de maridos»: «[t]antos homens e bem postos, e bem parecidos, e com dinheiro na carteira, e ganhando decerto excelentes ordenados!» (95).

A partir da década de 70 do século passado, o encantamento e a prosperidade desaparecem da paisagem literária do Chiado. Em *A Noite e o Riso*, Nuno Bragança coloca *Luísa* a vender flores em frente da Igreja dos Mártires e a atacar o amante velho, que a explorara, no meio de gritaria:

Luísa arremete para o homem, movimento grito de tropismo. Choca com ele num berro enorme, muito claro: «Vens rezar por alma da tua tesão?»

E isto e aquilo e gritaria até mais quê, agarrada ao velho e à vista de quem entrava na igreja à hora estratégica do final de missa de sétimo dia. Só se detém quando uma companheira lhe deita a encardida mão, lançando o conhecido aviso: «Olha o chui» (181).

32 Enquanto primeiro centro comercial, o Chiado (em conjunto com as ruas da Baixa) perderá a sua importância com a abertura dos *drugstores* (e.g. o Apolo 70) e dos *shoppings* (e.g. na década de 80, nas Amoreiras). O mais afectado é o sector do vestuário e calçado. As livrarias e os alfarrabistas, na Rua do Carmo, na Rua Garrett, na Rua da Misericórdia e na envolvente do Carmo e da Trindade, mantêm as portas abertas. Mas em *Notícia da Cidade Silvestre*, de Lídia Jorge, já não são os escritores que se mostram na zona. A personagem é *Júlia*, uma jovem viúva um pouco perdida, que trabalha numa livraria. O seu trajecto para o emprego é um pretexto para a escritora apresentar a zona. Ao contrário do lugar burguês e glamoroso, pintado por autores de décadas precedentes, este surge popular e grotesco, mesmo disfórico, tanto no seu fâcies físico (de ruas, casas, transportes) como no seu fâcies humano (na indisposição de *Júlia*, observada pelos velhos e pelos traficantes de droga):

Pus-me a andar a pé rumo à livraria. As ruas subiam, desciam, faziam voltas, desembocavam umas nas outras, ramificavam-se como veias. As portas estavam abertas, estavam fechadas, umas casas tinham janelas, as outras não, todas as que via me pareciam bocas. Os autocarros também corriam, abanavam, os eléctricos amordaçados à terra, raspavam-na, Misericórdia acima. Animais cativos, decepados pelo ventre. Vamos, Júlia, a que horas vais chegar à livraria? Vi os pombos em volta do Camões, sentei-me num banco, pus a mala em frente da cara e vomitei para o chão. Uns velhos afastaram-se, vendo, e uns traficantes de droga olharam de soslaio e continuaram a falar de lado, com as pestanas descidas (146-7).

No mesmo sentido, dando ênfase ao comércio de comes e bebes, *As Naus*, de António Lobo Antunes, deslocam-nos para a fronteira do Chiado com o popular Bairro Alto:

Seguiram a Rua do Loreto, espreitando restaurantes de operários onde o azeite queimado dos fritos vogava no ar como o mofo dos sótãos. Decifraram preços de peixe nos erros de ortografia das ementas coladas nas vitrinas das montras. Hesitaram diante do vinho tinto das leitarias, tão grosso que podia comer-se à colher. Extasiaram-se num snack-bar de gelados miríficos, de ampolas embutidas em pífaros de órgão e leitões assados com pinhões nas orelhas estendidos em campinas de tomilho e de salsa, e acabaram por jantar um bagaço tímido numa mercearia ainda aberta, com um senhor de idade a tomar o fresco à porta, afundado numa barrica de batatas [...] (164-5).

Nas últimas décadas do século XX, o Chiado foi ainda palco de outros acontecimentos relevantes. Os mais marcantes do dia 25 de Abril de 1974 viveram-se nesta vizinhança: a tomada do Quartel do Carmo, onde se refugiou o presidente do Conselho de Ministros (Marcelo Caetano), e a tomada da sede da polícia política (DGS - Direcção-Geral de Segurança) na Rua António Maria Cardoso. José Cardoso Pires descreve-os em *Alexandra Alpha*:

33

[...] por onde passávamos juntava-se mais povo, mais país, mais mundo. Seguiam connosco marinheiros errantes e soldados desertores dos regimentos servis ao passado que ainda não se tinham rendido; e populares, gente à deriva; e automóveis de rádio aberto a transmitirem comunicados do Movimento das Forças Armadas, M. F. A., era essa a sigla da Revolução, M-F-A, Eme-Efe-A, gritávamos pela primeira vez, Eme-Efe-A! Liberdade, Liberdade!, e toda a floração assim, duma manhã de abril, marchava, todo aquele vendaval festivo transbordava das colinas da capital, engrossava cá em baixo, nas grandes praças e avenidas, para subir de novo e alcançar as alturas do Chiado, conduzido pela vara do destino.

Aí, Chiado, Largo do Carmo, quartel-general da Guarda Republicana, os ditadores em fuga estavam cercados por um clamor de cravos e de fuzis (341-342).

[...] Alguma coisa lhe dizia que ela andava por ali, no meio daquele clamor feliz, daquela consagração. Por ali ou talvez duzentos metros mais abaixo, no cerco à central da Pide, onde estavam murallhados os torturadores da polícia política. Sabíamos pela rádio que eles se tinham fechado lá, chegaram-nos notícias (343-344).

O grande incêndio, ocorrido em 25 de Agosto de 1988, também não pode ser ignorado neste percurso cronológico pela história e geografia de Lisboa. Deflagrou de madrugada no edifício dos

Armazéns do Grandella e espalhou-se pela Rua do Carmo e pela Rua Nova do Almada. Para além da idade e do deficiente estado de conservação dos imóveis, a extensão dos estragos encontra explicação no abandono da área, que fez tardar a detecção do foco inicial, e no facto de a Rua do Carmo se encontrar obstruída por um arranjo polémico, com lancis, canteiros, bancos e quiosques, que impediu a passagem dos carros dos bombeiros.

34 Toda a década de 90 foi passada na reconstrução do projecto desenhado por Álvaro Siza Vieira. Apesar da destruição causada em 17 edifícios, o incêndio é hoje quase imperceptível. As fachadas oitocentistas foram conservadas e, mais de 20 anos volvidos, a área recuperou a vitalidade comercial e o interesse de lisboetas e turistas. Mas na amostra de obras estudadas, nenhuma das três que o poderiam referir (*Era Bom que Trocássemos Umhas Ideias sobre o Assunto, Fora de Mim, Deixem Passar o Homem Invisível*) dá especial importância ao Chiado e possuiu qualquer menção a estes acontecimentos.

Isto sugere que, sem perder a sua simbologia, o local literário não ficou imune a algumas transformações depreciativas que afectaram o seu referente nas últimas décadas do século XX, e que lhe fizeram perder importância social e económica.

### Passado, presente e futuro da cidade

De acordo com as vivências, o momento literário e as opções estéticas dos seus autores, a Lisboa imaginada ou reinventada nas narrativas de ficção dos últimos 160 anos exhibe diferentes aspectos físicos e arquitectónicos, condições de urbanidade e costumes da população. As descrições e menções dos lugares da literatura são retratos de um espaço-tempo, a que o filólogo e filósofo russo M. M. Bakhtine chamou «cronótopos»: «in different kinds of writing there are differing chronotopes, by which changing historical conceptions of time and space are realised» (Dentith 2001).

Ao longo do período analisado, os «cronótopos» aqui analisados cobrem de maneira diversa o território abrangido pelo actual concelho de Lisboa. Nos mais mencionados – o Rossio, a Avenida da Liberdade e o Chiado –, lidos diacronicamente através das descrições que o *corpus* literário proporcionou, a vida urbana assume as suas dimensões características: a cidade é sempre construção, movimento e multidão;

mas é também poder, economia, cultura e lazer. Descrevendo aspectos marcantes da paisagem ou revelando acontecimentos ocorridos em determinados lugares, as narrativas reais ou ficcionadas potenciam a legibilidade da paisagem e contribuem para construir o «espírito do lugar» (o que os Romanos chamavam *genius loci*, acreditando que existia um génio em cada lugar). Hoje, o «espírito do lugar» é evocado como referência do «carácter do lugar», isto é, do conjunto de particularidades naturais e culturais que o caracterizam e o distinguem dos demais. Independentemente do realismo da descrição, estabelecida uma visão, diz Simon Schama, as metáforas tornam-se mais reais do que os seus referentes e passam também a integrar os panoramas (Schama 1995). Por esse facto, a Convenção Europeia da Paisagem considera que o carácter da paisagem, resultante da «acção e da interacção de factores naturais e/ou humanos», depende do modo como uma área é «apreendida pelas populações» (artigo 1º a), Decreto nº4/2005 de 14 de Fevereiro). Qualquer que seja o seu fâcies, urbano ou rural, conservado ou degradado, ela é um produto acumulado das acções e influências resultantes da presença humana sobre o território, «um repositório de heranças, conservadas ou modificadas em função dos factores de transformação; [...] um mosaico que reflecte ideias, objectivos, práticas e vivências de quotidianos anteriores, assimilados na cultura local» (Queiroz 2009, 9).

35

Enquanto modeladores da imagem, as representações literárias contribuíram para o que são (e para o que foram) esses lugares. Como seria a Avenida sem a marca que nela deixaram as descrições do Passeio Público? Será que o Chiado sofisticado, que Eça e Camilo narram nos romances de Oitocentos, influenciou a reconstrução e revitalização da área no final do século passado? Entre lugar de encontro e lugar de passagem, que futuro se reserva para o Rossio? Até que ponto as polémicas de ontem ajudam a formar a opinião de hoje, sempre que está em causa a transformação da paisagem urbana? Quando se esconde e quando se impõe o «espírito do lugar»?

A relação entre realidade e imagem, e entre imagem e visão de futuro, interessa mais e mais aos historiadores e aos geógrafos, apostados em compreender o passado e o presente das sociedades e dos territórios. Mas interessa também aos planeadores e aos administradores das cidades, que, na identidade dos lugares, encontram fundamento para intervir nesse palimpsesto.

E aos escritores e leitores? Do Rossio, da Avenida da Liberdade, do Chiado e de tantos outros lugares da literatura, que histórias contarão as narrativas de amanhã?

## Bibliografia

### Corpus analisado

- Abel Botelho. *O Livro de Alda*. 1898. Camarate: Amigos do Livro, 1984.
- Alfredo Gallis. *Tuberculose Social (A Taberna)*. 1903. Lisboa: Livraria Central de Gomes de Carvalho, 1903.
- 36 António Lobo Antunes. *As Naus*. 1988. 4ª ed.. Lisboa: Dom Quixote, 2000.
- Aquilino Ribeiro. *O Arcanjo Negro*. 1947. Lisboa: Livraria Bertrand, 1985.
- Armando Batista-Bastos. *Cão Velho entre Flores*. 1974. Lisboa: Futura, 1974.
- Armando Ferreira. *Lisboa sem Camisa. I – O Casamento da Fifi Antunes*. 1934. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & Cª, 1943 (7ª edição).
- Augusto Abelaira. *Enseada Amena*. 1965. 4ª ed.. Lisboa: Editorial Presença, 1997.
- Camilo Castelo Branco. *A Queda dum Anjo*. 1866. Porto: Porto Editora, 2003.
- Camilo Castelo Branco. *Coisas Espantosas*. 1862. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, 1864 (2ª edição).
- Camilo Castelo Branco. *Mistérios de Lisboa*. 2 volumes. 1854. 4ª org. Porto: Casa Cruz Coutinho, 1864.
- Carlos Malheiro Dias. *Filho das Hervas*. 1900. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1900.
- Eça de Queirós. *A Capital!*. 1929. Barcarena: Editorial Presença, 2003.
- Eça de Queirós. *Alves & Cª*. 1925. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1993.
- Eça de Queirós. *Os Maias*. 1888. Santa Maria da Feira: Contraponto, 2001.
- Fernando Namora. *O Rio Triste*. 1982. Lisboa: Libreria Bertrand, 1982.
- Fialho de Almeida. *A Cidade do Vício*. 1882. Porto: E. Chardon, 1882.
- Gervásio Lobato. *Lisboa em camisa*. 1890. Porto: Lello & Irmãos, 1984.
- Irene Lisboa. *Começa Uma vida*. 1933. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- João Ameal. *As Criminosas do Chiado*. 1925. Lisboa: João Romano Torres, 1925.
- José Cardoso Pires. *Alexandra Alpha*. 1987. 6ª ed.. Lisboa: Dom Quixote, 1999.
- José Rodrigues Miguéis. *A Escola do Paraíso*. 1960. 2ª ed.. Lisboa: Estúdios Cor, 1961.
- José Rodrigues Miguéis. *O Milagre segundo Salomé*. 2 volumes. 1975. Lisboa: Editorial Estampa, 2000 (vol. I, 4ª edição) e 2002 (vol. II, 4ª edição).
- Leão Penedo. *A Raiz e o Vento*. 1953. Lisboa: Veja, 1995.

- Lídia Jorge. *Notícia da Cidade Silvestre*. 1984. 5ª ed.. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1986.
- Luís de Sttau-Monteiro. *Angústia para o Jantar*. 1961. 8ª ed.. Lisboa: Ática, 1979.
- Manuel Halpern. *Fora de Mim*. 2008. Alfragide: Caderno, 2008.
- Maria Archer. *Ela É apenas Mulher*. 1944. Lisboa: Parceria A.M. Pereira, 2001.
- Mário de Almeida. *A Cidade-Formiga*. 1818. Lisboa: Lusitana Editora, 1918.
- Mário de Carvalho. *Era Bom que Trocássemos Umás Ideias sobre o Assunto*. 1995. 5ª org. Lisboa: Caminho, 2003.
- Mário Zambujal. *Crónica dos Bons Malandros*. 1980. 22ª ed.. Lisboa: Quetzal, 1990.
- Norberto de Araújo. *Fado da Mouraria*. 1931. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, 1931.
- Nuno Bragança. *A Noite e o Riso*. 1970. 4ª ed.. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- Orlando Neves. *Morte em Campo de Ourique*. 1987. Lisboa: Vega, 1987.
- Rui Cardoso Martins. *Deixem Passar o Homem Invisível*. 2009. Lisboa: Dom Quixote, 2009.
- Rui Zink. *Hotel Lusitano*. 1986. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1995.

#### Referências citadas

- Abreu, Alexandre Cancela de, Teresa Pinto-Correia, e Rosário Oliveira, orgs. *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem Portugal Continental*. vol. III. Lisboa: DGOTDU, 2004.
- Alves, Daniel. «Using a GIS to reconstruct the nineteenth century Lisbon parishes». *Humanities, Computers and Cultural Heritage. Proceedings of the XVIIth International Conference of the Association for History and Computing*, 12-17. Amsterdam, 2005.
- Avilés, Juan. «La novela como fuente para la historia: el caso de Crimen y castigo (1866)». *Espaço, Tempo y Forma*, n. 9. *Historia Contemporânea* (1996): 337-360.
- Ayers, Edward L. «Turning toward Place, Space, and Time». *The Spatial Humanities: GIS and the Future of Humanities Scholarship*, org. por David J. Bodenhamer, John Corrigan, e Trevor M. Harris, 1-13. Indiana: Indiana University Press, 2010.
- Baker, Alan R. H., e Mark Billinge, orgs. *Geographies of England: the North-South Divide, Material and Imaginorg*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- Cooper, David, e Ian N. Gregory. «Mapping the English Lake District: A literary GIS». *Transactions of the Institute of British Geographers* 36, n. 1 (2011): 89-108.
- Cravidão, Fernanda. «Ficção, Espaço e Sociedade. Notas para uma leitura

- geográfica e social da obra de Alves Redol – *Avieiros*». *Cadernos de Geografia*, n.º 11 (1992): 37-47.
- Cravidão, Fernanda, e M. Marques. «Literatura e Geografia: outras viagens, outros territórios. *Emigrantes de Ferreira de Castro*». *Cadernos de Geografia*, n.º 19 (2000): 23-27.
- Dentih, Simon. «Chronotope». *The Literary Encyclopedia*, Julho 18, 2001. <http://www.litencyc.com/php/stopics.php?rec=true&UID=187>.
- Fuster García, Francisco. «La novela como fuente para la Historia Contemporánea: El árbol de la ciencia de Pío Baroja y la crisis de fin de siglo en España». *Espaço, tempo y forma*, n.º 23. *Historia Contemporânea* (2011): 55-72.
- 38 Girão, Aristides de Amorim. *Geografia de Portugal*. Porto: Portucalense Editora, 1941.
- Knowles, Anne Kelly. «Historical GIS: the spatial turn in Social Science History». *Social Science History* 24, n.º 3 (2000): 451-470.
- LaCapra, Dominick. *History and Criticism*. New York: Cornell University Press, 1992.
- Lewis, Pierce. «Beyond description». *Annals of the Association of American Geographers* 75, n.º 4 (1985): 465-477.
- Matos, José Sarmiento. *A Invenção de Lisboa*. Livro I – *As Chegadas*. Lisboa: Temas e Debates, 2008.
- Moretti, Franco. *Graphs, Maps, Trees: Abstract Models for Literary History*. London: Verso, 2005.
- Mucznik, Lúcia Liba. *Lisboa na Ficção Portuguesa Contemporânea: Sécs. XIX e XX*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995.
- Osborne, Brian S. «Texts of place: “A secret landscape hidden behind the everyday”». *GeoJournal* 38, n.º 1 (Janeiro 1996): 29-39.
- Piatti, Barbara, Anne-Kathrin Reuschel, e Lorenz Hurni. «Literary Geography - or how cartographers open up a new dimension for literary studies». *Proceedings of the 24th International Cartography Conference, Chile, 2009*.
- Queiroz, Ana Isabel. *A Paisagem de Terras do Demo*. Lisboa: Esfera do Caos, 2009.
- — —. «Landscape and literature: The ecological memory of Terras do Demo (Beira Alta – Portugal)». *European Landscapes: Past and Recent Changes and Challenges. Proceedings of the 21st Session of the PECSRL, Limnos/Lesvos*, org. por Zoran Roca. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2006.
- Salter, Christopher L, e William J Lloyd. *Landscape in Literature. Resource Papers for College Geography* 76-3. Washington: Association of American Geographers, 1977.
- Schama, Simon. *Landscape and Memory*. London: Harper Collins, 1995.

Seixo, Maria Alzira. «A poética da Cidade na composição do romance (alguns exemplos na ficção portuguesa no século XX)». *O Imaginário da Cidade*, 267-279. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

— — —. «Literatura e História. Poética da descoincidência. Peregrinação de Barnabé das Índias, de Mário Cláudio». *Actas do Colóquio Internacional sobre Literatura e História*, II:231-241. Porto: Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, 2004.

Sharp, Joanne P. «Locating imaginary homelands: literature, geography, and Salman Rushdie». *GeoJournal* 38, n. 1 (1996): 119-127.

Tally, Robert T. «Literary Cartography: Space, Representation, and Narrative». *Faculty Publications-English*, 2008. <http://ecommons.txstate.edu/englfacp/7>.

Westphal, Bertrand. *La géocritique, réel, fiction, espace*. Paris: Éditions de Minuit, 2007. 39

Withers, Charles W. J. «Place and the “Spatial Turn” in Geography and in History». *Journal of the History of Ideas* 70, n. 4 (2009): 637-658.

#### Outras obras consultadas

Dias, Marina Tavares. *Lisboa Desaparecida*, vol. I a IX. Lisboa: Quimera, 1987-2007.

Ferreira, Vítor Matias. *A Cidade de Lisboa: de Capital do Império a Centro da Metrópole*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

França, José-Augusto. *História Física e Moral de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

Janeiro, Maria. *Lisboa: Histórias e Memórias*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

Pinheiro, Magda. *Biografia de Lisboa*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2011.

folhetos à maneira de quem pendurava a vida a cavalo num barbante

Direcção de Ana Paula Guimarães

**Já publicados:**

21. Carlos Nogueira – *Cantigas ao Desafio e Estetização da Fala: Natureza, Modalidades, Função*.
22. Barbara Alge – *Os pauliteiros de Miranda e os «lhaços»: entre a literatura popular, a dança e a música*.
23. Maria Teresa Meireles – *Gigantes, Olharapos e Outras Desmesuras*.
24. Ana Isabel Queiroz – *Os Animais nos Cenários Literários de Aquilino*.
25. Maria da Natividade Pires – *Ana Saldanha: Linhas Cruzadas nos Contos «Era uma vez... Outra vez»*.
26. Carlos Nogueira – *Sobre a Oração Popular Tradicional*.
27. Carlos Nogueira – *Aspectos do ex-voto pictórico português*.
28. Maria Aliete Galhoz – *Cantigas paralelísticas na tradição oral portuguesa. Três-os-Montes: cantigas das mondas, das malhas, das trilhas. Algarve: os vilancetes glosados dos foliões das festas do Espírito Santo de Marmeleite. Açores: estruturas paralelísticas nos cantos dos foliões das festas do espírito Santo*.
29. Joaquina Duarte – *Estórias de entre dentes e entrelinhas*.
30. Ana Paula Guimarães, Carlos Augusto Ribeiro, Carlos Oliveira Santos – *Ao Volar. Ficcionar veículo, coração e corpo*.
31. Lurdes Cameirão – *Teixeira de Pascoaes e*

*o Imaginário Popular*.

32. Carlos Nogueira – *Aspectos do Cancioneiro Infantil e Juvenil de Transmissão Oral*.
33. Aurélio Lopes – *Personagens Florais e Espíritos da Vegetação*.
34. Aurélio Lopes – *A Festa dos Bugios do Sobrado*.
35. Ana Gil, Anabela Almeida Gonçalves – *Do Canto Materno à Canção Infantil: Novos Universos de Representação em Matilde Rosa Araújo e José Jorge Letria*.
36. Lurdes Cameirão – *Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa*.
37. Micaela Ghitecu – *Pastores versus Marinheiros e... Mulheres*.
38. Maria de Lourdes Soares – *Livro dos Acalantos*.
39. António Vermelho do Corral – *Quinta-Feira da Ascensão, Quinta-Feira da Espiga, Festa do Leite*.
40. Aurélio Lopes – *Andanças da Senhora do Rosário nas Faldas da Serra de Aire. O Imaginário Popular nas Aparições de Fátima*.
41. Mariana Guimarães, Carolina Vilardouro, Inês Silva – *O Clube Lisboa Amigos do Fado. O Cheiro a Fado*.
42. Dulce Simões – *Zip-Zip: um programa mítico, ou «uma pedradano charco», da «primavera marcelista»?*
43. Aurélio Lopes – *Vida e Morte de Um Culto Popular. A Santa da Ladeira*.

Apoio de:



INSTITUTO DE ESTUDOS DE LITERATURA TRADICIONAL

PROFESSORIA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS | UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA



**FCT**

Fundação para a Ciência e a Tecnologia



9 789896 418365 3

3,90 euros